

O ZAPATISMO: MUITO MAIS DO QUE UMA FONTE

Walter Omar KOHAN
Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: *O presente artigo pretende esclarecer, em linhas gerais, o que seja o zapatismo, destacando suas implicações políticas. Entretanto, fique claro, este trabalho não possui finalidade propagandística, apologética ao movimento de que trata.*

Quando recebi o convite de um dos editores da *Margens* para escrever um texto para esta revista, o que muito me orgulhou, considerei imediatamente qual poderia ser a forma de minha contribuição sobre o tema "Fontes de Pesquisa". Pensei, então, quase imediatamente, que a eleição deveria fazer jus ao nome *Margens* e, para isso, decidi escrever sobre um movimento que está nas margens da educação, da filosofia e da política, o movimento zapatista. Certamente, pensei, o zapatismo pode ser uma fonte importante para a pesquisa atual nas ciências humanas. Claro, o movimento zapatista é muito mais do que isso, mas também enquanto fonte ele pode inspirar muitos e muitos trabalhos, idéias e pensamentos. Foi isso que me decidiu.

Talvez seja interessante, para mim mesmo e para os possíveis leitores deste trabalho, esclarecer o sentido e o significado de um trabalho que, em si mesmo, pouco importa e que encontra sua justificativa sobretudo no que ele permita pensar e fazer, mesmo que seja contra o que ele afirma e pensa.

O sentido inicial deste texto é dar a conhecer, contribuir ao conhecimento de um movimento que, infelizmente, é muito pouco conhecido no Brasil. E, mais particularmente, numa publicação de Belém, cidade que acolheu um Encontro Americano idealizado pelos zapatistas em dezembro de 1999. Esse dar a conhecer tem, como outro propósito, dar a pensar, no zapatismo, no que ele afirma e faz e, sobretudo, em nós mesmos, naquilo que o zapatismo nos diz sobre o que afirmamos e fazemos. Assim, o sentido principal deste texto é ajudar a pensarmos, através do zapatismo, naquilo que somos e não somos, em particular em relação com a política. Em termos de interrogações: que entendemos por política? Qual política fazemos? Que outra política poderíamos fazer?

Talvez precisamos também dizer o que este ensaio não é o que ele não se propõe. Ele não é uma apologia ao zapatismo e também não é um estudo avaliativo "sobre" o zapatismo. Não pretendemos escrever uma apologia do zapatismo, porque para isso nada melhor que os próprios zapatistas, e também não propomos aqui avaliar ou julgar, desde uma suposta verdade acadêmica ou científica, a suposta correção ou não de um movimento porque não nos parece que seja esse o lugar da palavra, do pensamento, da teoria.

Sabemos que a academia gosta muito dessa exterioridade, desse lugar externo privilegiado em que se assenta o julgamento sobre os outros. Este pode ser um esquema adequado para compreender boa parte da academia. Mas de forma alguma a esgota. Há também na academia os que pensamos que nosso trabalhar tem a ver mais com o pensar o dentro do que com julgar o fora, num interior em movimento que atravessa as instituições, as práticas e as pessoas. É verdade que esta versão da academia não é a sua forma dominante, mas não é menos verdade que ela existe, disposta a não renunciar à tarefa de pensar desde uma lógica não normativa, hierárquica e auto-centrada como a dominante. Ela encontra forma de expressão no próprio discurso, no que ela diz e nega, na forma em que ela se posiciona, no que ela pensa e permite pensar, no que ela afirma e dá lugar a afirmar, no que ela questiona e dá lugar a questionar. Neste sentido, mesmo que pareça contraditório, este é um texto zapatista sem fazer uma apologia ao zapatismo, porque ele está pensado e escrito no interior de um movimento que os zapatistas contribuem a fazer andar, na medida em que afirma e pensa outros mundos, "onde caibam todos os mundos".

Assim, nosso "objeto", o zapatismo, é também nosso sujeito; nele, o zapatismo é falado e ao mesmo tempo nos fala, em nossas palavras; ele é, a uma só vez, letra e palavra, ele nos permite pensar o que pensamos e também pensarmo-nos naquilo que ainda não pensamos. Desta maneira, este é um texto sobre o zapatismo desde o zapatismo, desde uma cabeça e um coração que apostam numa palavra aberta, não definitiva, auto-diversa, disposta a pensar-se sempre a partir do que ainda não pensou e de ser o que ainda não é; em outras palavras, uma palavra aberta a outras palavras.

Este texto tem duas seções. Numa primeira, resgatamos a história do movimento zapatista. Fazemos uma síntese, apertada, de dois momentos principais dessa história: o momento da

preparação na clandestinidade e o momento da irrupção pública do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional). Numa segunda parte, oferecemos alguns elementos para um conceito de política que o zapatismo nos ajuda a pensar, apenas como um exemplo que ilustra sua vitalidade, produtividade e beleza como fonte, e não só de pesquisa.

1 – Um pouco de história

A história dos zapatistas é contada pelos próprios zapatistas em diversos registros. À medida que avança o tempo, ela ganha novos detalhes e destaques. A mais recente versão está no livro *EZLN: 20 e 10. O fogo e a palma*, de Gloria Muñoz Ramírez, lançado em novembro de 2003, para comemorar os vinte anos de existência do EZLN e os dez anos de seu levantamento armado. Vamos dividir essa história em dois momentos. A etapa que vai desde a criação do EZLN por um pequeno grupo de pessoas na Selva Lacandona em novembro de 1983 até a irrupção armada do EZLN em janeiro de 1994 e outra desde esse levantamento até os nossos dias.

1.1 – O tempo da clandestinidade

Num texto preparado para a apresentação de vídeo comemorando o duplo aniversário do EZLN em novembro de 2003, Marcos distingue sete etapas na história do EZLN anterior ao começo da guerra.¹

A primeira delas é quando foram selecionados aqueles que integrariam o EZLN, por volta de 1982. Organizavam-se práticas de um ou dois meses na selva, e nelas se avaliava o desempenho dos participantes para ver quem podia “agüentar o tranco”.

A segunda etapa pode ser chamada de “implantação”, ou seja, da fundação propriamente dita do EZLN. De forma simbólica, Marcos data essa fundação em novembro de 1983. Alguns dias antes dessa data, um grupo de seis pessoas – cinco homens e uma mulher, três

¹ MARCOS, Subcomandante. Mensagem enviada à apresentação do vídeo *EZLN: 20 e 10. O fogo e a palma*. México, *La Jirafra*, novembro de 2003. O vídeo foi produzido por Ana Bellinghansen, Leticia Gutiérrez Maripani, Ramón Vera, Arturo Sampson, Alberto Cortez e Jesús Ramírez. A tradução ao português é de Enfilio Gazzari.

mestiços e três indígenas – iniciou a viagem para Chiapas. Desde a manança de estudantes universitários na Praga de Tlatelolco na cidade do México em 1968 estavam se preparando para isso. Foram de carro e montaram seu primeiro acampamento, serra adentro, depois de subir caminhando uma das serras que atravessam, inclinadas a ocidente, a Selva Lacandona, com vinte e cinco quilos de peso nas costas. Era o dia 17 de novembro de 1983, frio e chuvoso, o primeiro escrito em seu diário de campanha.

Um desses seis responde ao nome de Pedro. Depois seria subtenente, tenente, segundo capitão, primeiro capitão e subcomandante. Com este grau e sendo Chefe do Estado Maior Zapatista, dez anos depois, caiu em combate em primeiro de janeiro de 1994, ao tomar Las Margaritas, Chiapas, México.

A terceira etapa, sempre antes do levante, é quando o grupo se dedica às duras tarefas de sobrevivência na Selva, ou seja, a caçar, a pescar, a coletar frutos e plantas silvestres. Trabalha-se no conhecimento do terreno, na orientação, nos caminhos, na topografia. Estuda-se também estratégias e táticas militares nos manuais do exército norte-americano e federal mexicano, o uso e o cuidado com as várias armas de fogo, além das chamadas "artes marciais". Estuda-se também a história do México. Nesta etapa, por volta de agosto-setembro de 1984, chega Marcos com outros dois companheiros: uma indígena chol e um indígena tzoetzil. Nessa data o grupo tinha doze integrantes.

Marcos oferece um relato que permite sentir as condições deste primeiro grupo:

Os acampamentos daquela época eram relativamente simples: tinham uma área de intendência ou a cozinha, os dormitórios, a área de exercícios, a pasta, a área 25 e 50, e os campos de fogo para a defesa. Talvez, alguém dos que me ouviram se perguntou que diabo é a "área 25 e 50". Bom, atente-se que para fazer as necessidades que chamam de "primárias", era necessário afastar-se a certa distância do acampamento. Para ir urinar tinha que se retirar 25 metros; para defecar eram 50 metros, além de fazer um buraco com o facho e, em seguida, cobrir o "produto". Claro que estas disposições eram de quando nós éramos, como se diz, um punhado de homens e mulheres, ou seja, não possuíamos de

10. Tempos depois, construíamos latrinas em áreas mais afastadas, mas os termos "25" e "50" ficaram.²

Na quarta etapa, que corre paralela no tempo à terceira, foram feitos os primeiros contatos com os povoados da região. A comunicação era feita de pessoa a pessoa; esta falava com a sua família e depois com o povoado. Assim, aos poucos, a presença do EZLN se tornou "um segredo coletivo e uma conspiração em massa".

Nesta etapa, Marcos relata que o EZLN já não era o que esse grupo primeiro tinha pensado que seria quando chegou a Chiapas. Nesta altura, "já havíamos sido derrotados pelas comunidades indígenas e, produto desta derrota, o EZLN começou a crescer geometricamente e a tornar-se" muito diferente ", ou seja, a roda continuou sendo batida até que, enfim, ficou redonda e pôde fazer o que uma roda deve fazer, ou seja, rodar".³

A quinta etapa é a do crescimento explosivo do EZLN. Em função das condições políticas e sociais, se expande para além da Selva Lacandona e chega a Los Altos e ao norte de Chiapas.

A sexta é a votação da guerra e os preparativos, incluída a chamada "Batalha de Corralchén", em maio de 1993, quando tiveram os primeiros combates com o exército federal.

A véspera de primeiro de janeiro de 1994 foi a sétima etapa do EZLN. Marcos a descreve da seguinte maneira:

Lembro que, na noite de 30 de dezembro de 1993, estava na rodovia Ocosingo-San Cristóbal de las Casas. Neste dia, havia estado nas posições que mantínhamos nos arredores de Ocosingo. Por rádio havia checado a situação de nossas tropas que estavam se concentrando em vários pontos à margem da rodovia, ao longo do vale de Putiuvitz, Monte Libano e Las Tazas. Estas tropas pertenciam ao terceiro regimento de infantaria. Eram cerca de 1500 combatentes. A missão do terceiro regimento era tomar Ocosingo. Mas antes disso deviam, "no passar", tomar as fazendas da região e apropriar-se do armamento das jagunças dos fazendeiros. Pelo que me relataram, um helicóptero do exército federal havia dado voltas

² *Ibidem*.

³ *Ibidem*.

sobre o povoado de San Miguel, alertado, com certeza, pela multidão de veículos que estavam se concentrando neste povoado. Desde a madrugada do dia 29, todo veículo que entrava nos vales não saía, todos foram “emprestados” para mobilizar as tropas do terceiro regimento. Em sua totalidade, o terceiro regimento era integrado por indígenas tzeltales. Ao passar, eu havia chegado às posições do batalhão número 8 (que integrava o quinto regimento), que se encarregaria de tomar a cabeceira municipal de Altamirano num primeiro movimento. Depois, durante a sua marcha, tomaria Chawal, Oxchuc e Huixtán, para, em seguida, participar do ataque ao quartel de Rancho Nuevo nas redondezas de San Cristóbal. O oitavo era um batalhão reforçado. Para tomar Altamirano contaria com cerca de 600 combatentes, dos quais uma parte ficaria depois da tomada. Em seu acampamento incorporaria outros companheiros, para chegar a Rancho Nuevo com cerca de 500 soldados. O oitavo batalhão era integrado, em sua grande maioria, por tzeltales. Ainda na rodovia, fiz uma parada numa região mais elevada, entrei em contato via rádio com o batalhão 24 (também parte do quinto regimento), cuja missão era tomar a cabeceira municipal de San Cristóbal de las Casas e fazer o ataque conjunto (com o batalhão 8) ao quartel militar de Rancho Nuevo. Também o vigésimo quarto era um batalhão reforçado. Em número, sua tropa chegava a quase 1000 combatentes, todos da região de Los Altos e indígenas tzotziles. Ao chegar em San Cristóbal, contornei a cidade e me dirigi à posição em que estaria o Quartel Geral do Comando do EZLN. Daí, me comuniquéi via rádio com o comando do primeiro regimento, o Subcomandante Insurgente Pedro, chefe do Estado Maior Zapatista e segundo comandante do EZLN. Sua missão era tomar a cabeceira de Las Margaritas e avançar para atacar o quartel militar em Comitán. Forte em 1200 combatentes, o primeiro regimento era integrado em sua maioria por tojolabales. Além disso, na chamada “segunda reserva estratégica” ficava um batalhão, integrado por indígenas choles, e nas profundezas de nossas bairres de sãila, com 3 batalhões dispostos nas áreas tzeltal, tojolabal, tzotzil e chol, se encontrava a chamada “primeira reserva estratégica”.

Sim, o EZLN sai a público com mais de 4500 combatentes na primeira linha de fogo, a assim chamada vigésima primeira División de Infantería Zapatista, e uns 2000 combatentes permaneciam na reserva. Na madrugada de 31 de dezembro de 1993, confirmei a ordem de ataque, a data e a hora. Resumindo: o EZLN atacaria simultaneamente 4 cabeceiras municipais e outras 3 "de passagem", reduziria as tropas, policiais e militares nestas praças e, em seguida, marcharia para atacar dois grandes quartéis do exército federal. A data: 31 de dezembro de 1993. A hora: às 24.00 hs. A manhã do dia 31 transcorreu no desalojamento das posições urbanas que se mantinham em alguns lugares. Por volta das 14.00 hs, os vários regimentos confirmaram ao Comando Geral que estavam prontos. Às 17.00 hs, começou a contagem regressiva: "Menos 7" se chamou esta hora. A partir daí foi cortada toda a comunicação com os regimentos. O próximo contato via rádio estava programado para às "Mais 7", às 07.00 hs do dia 1º de janeiro de 1994 com os que estariam vivos.¹

Este relato permite perceber alguns detalhes sobre a dimensão do EZLN em Chiapas. É interessante notar como uma atividade que envolveu milhares de pessoas durante vários anos não tomou estado público por quase dez anos. Como foi possível manter esse "segredo"? É significativo que, apesar das escaramuças e enfrentamentos preliminares com o exército mexicano, embora os serviços de segurança mexicanos soubessem sobre movimentos e agrupamentos militares subversivos em Chiapas, para a imensa maioria dos mexicanos o 1º de Janeiro foi uma surpresa insuspeitada. Como foi possível que ainda em Chiapas um movimento que reunia a milhares de indígenas de quase todas as regiões do Estado permanecesse um "segredo coletivo"?

Uma das razões deste processo pode encontrar-se no valor do silêncio nas culturas indígenas de Chiapas. Esse silêncio não significa omissão, complacência ou legitimação. Ao contrário, é também uma forma de comunicação, de construção de vínculos, de expressão de uma cultura atacada, perseguida, castigada. É também, no caso dos zapatistas, um meio para lutar e propagar uma maneira diferenciada de entender a própria palavra, a vida, a

¹ *Ibidem*.

comunidade. O silêncio é algo que os zapatistas cuidam, preservam e alimentam, desde sua própria gênese, porque também os cuida, os preserva e os alimenta. Várias vezes, inclusive depois de sua aparição pública em 1994, os zapatistas se chamaram a silêncio: muitos meses de 1999 e de 2000, perante o não cumprimento dos acordos de San Andrés pelo governo. Mais de um ano depois da Marcha à Cidade do México em 2001, perante a criação da Lei Indígena aprovada no Parlamento. O silêncio é para os zapatistas forma de comunicação, de reunião e de resistência. É também sinal de uma outra forma de entender e viver a vida.

Em todo caso, importa notar como já no início, na sua gênese, o zapatismo oferece elementos que o tornam singular como expressão política: acontece um encontro entre os mestiços, urbanos, que vão até Chiapas para ajudar os indígenas na sua libertação que transforma não apenas, não só, e nem sobretudo os indígenas, mas os próprios “iluminados” que iam com sua verdade a lutar pela libertação dos povos indígenas. Há um movimento interessante que fez com que os que iam ensinar percechessem que também tinham muito a aprender; os que iam com sua verdade percebem a necessidade de ouvir outras verdades; os que levavam seu ideal de mundo percebem que há outros ideais de mundo que também merecem seu lugar.

Assim, estes primeiros anos de preparação e organização são interessantes porque mostram não apenas a precariedade e a dureza das condições na preparação de um grupo que era, neste início, sobretudo um grupo militar, mas alguns princípios que acompanham esse grupo desde o início até o fim e que permitem caracterizá-lo como algo em movimento e que provoca movimento. O zapatismo nasce e se alimenta de uma aposta: aposta na relação com o Outro (no início, os povos indígenas; mais na frente será a sociedade civil) que o faz transformar-se transformando. Esse caráter não fixo e não pré-determinado da construção zapatista, essa aposta no encontro com o Outro é, a nosso entender, um dos aportes principais do movimento para pensar e praticar uma nova política.

A seguir vamos destacar alguns elementos da segunda etapa do zapatismo, aquela um pouco mais conhecida, que nasceu com sua irrupção armada em 1º de janeiro de 1994, há um pouco mais de dez anos.

1.2 – O levante

Marcos distingue três eixos no movimento zapatista: o eixo do fogo, o eixo da palavra e o eixo da organização (Muñoz Ramírez, 2003,

p. 263-5). O primeiro se refere às ações militares, aos preparativos, aos combates, aos movimentos propriamente militares. O segundo refere-se aos encontros, aos comunicados, aos veículos da palavra e também do silêncio. O terceiro é a coluna vertebral, o processo organizativo que desenvolvem os povos zapatistas. Tanto na etapa clandestina quanto nos primeiros tempos do levante, há um predomínio marcado do eixo do fogo, e a palavra é ainda incipiente. Porém, aos poucos a palavra se torna cada vez mais presente e relevante, e o eixo do fogo vai perdendo força, mas não presença (os zapatistas repetidas vezes disseram que estavam dispostos a não usar as armas, mas nunca a entregá-las). O processo organizativo, eixo axial do movimento, atravessa esses dois eixos anteriores, desde o nascimento do movimento. Ele se dá numa forma aberta à nova realidade e aos novos sujeitos que o EZLN encontra e contribui a constituir. Vamos destacar alguns dos momentos principais da vida pública do EZLN.⁵

De acordo com os preparativos anunciados na seção anterior, no dia 1º de janeiro de 1994, data em que México, Canadá e Estados Unidos assinam o Tratado de Livre Comércio de Norte América, acontece o levante armado do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), em Chiapas. As cidades de San Cristóbal de Las Casas, Altamirano, Las Margaritas, Ocosingo, Oxchuc, Huixtán e Chanal são tomadas pelos indígenas rebeldes. O Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comando Geral (CCRI-CG) do EZLN divulga a Primeira Declaração da Selva Lacandona através da qual declara guerra ao governo de Carlos Salinas de Gortari e anuncia sua luta por democracia, liberdade e justiça para todos os mexicanos. Desde estes primeiros momentos, em contatos com a imprensa e na própria Declaração da Selva Lacandona, os zapatistas deixam claro que não têm uma ideologia política doutrinária e que sua ambição não é a tomada do poder, o que os diferencia dos grupos subversivos mais tradicionais de América Latina. A luta dos zapatistas é para que os povos possam “escolher livre e democraticamente suas próprias autoridades”.⁶

⁵ Esta cronologia está construída sobre diversas fontes criadas no final deste trabalho. Paulina Fernández Christlieb oferece uma cronologia bastante detalhada entre 1994 e 1997 em http://www.chiapas.hgg.ig.com.br/cronol_1.html (acessado em 19/02/2004). Emílio Gennari (emillogennari@uol.com.br) é autor de vários estudos sobre o zapatismo e acaba de produzir um CD-Rom com tradução dos principais comunicados do EZLN desde 1994.

⁶ Primeira Declaração da Selva Lacandona. In: EZLN. *Declaraciones y Comunicados*, Vol. 1, México: ERA, 1994.

Em seguida, os rebeldes deixam as posições tomadas e declaram um cessar fogo unilateral. O governo federal ataca as posições do EZLN. Em fevereiro de 1994, começam as negociações entre o EZLN e o governo federal. O EZLN apresenta suas reivindicações sociais, econômicas e políticas a nível nacional e estadual e as que são específicas dos indígenas e dos camponeses. Em junho, na Segunda Declaração da Selva Lacandona, o EZLN chama os diversos setores da sociedade a realizar uma transição pacífica à democracia e convoca à Convenção Nacional Democrática que será realizada em agosto desse ano em Aguascalientes, Chiapas.

Em janeiro de 1995, o EZLN lança a Terceira Declaração da Selva Lacandona, na qual propõe à sociedade a construção de um Movimento de Libertação Nacional. Em fevereiro, o novo governo de Zedillo anuncia nos meios de comunicação que foi descoberta a identidade de vários dirigentes do EZLN, contra os quais são expedidas ordens de prisão. Várias pessoas são encarceradas, e o exército federal investe contra diversos povoados destruindo-os e tomando vários deles. Em pouco tempo, obriga centenas de comunidades a fugir para as montanhas e a embrenhar-se na selva. Inicia-se uma onda de grandes mobilizações a nível nacional e internacional. Em abril, o governo federal e o EZLN assinam o Protocolo das Bases para o Diálogo e a Negociação do Acordo de Concórdia e Pacificação com Justiça e Dignidade. Começam longas negociações no povoado de San Andrés, que culminarão em acordos sobre Direitos e Cultura Indígena em fevereiro de 1996. Antes, em agosto de 1995, o EZLN chama a consulta sobre seu futuro e mais de um milhão de mexicanos e cem mil estrangeiros de cinquenta países dos cinco continentes participam. Os zapatistas abrem espaços de diálogo com diversas instancias da sociedade civil. Neste ano é criada a Comissão Nacional de Concórdia e Pacificação (COCOPA).

Em janeiro de 1996, o EZLN lança a Quarta Declaração da Selva Lacandona, na qual o EZLN responde afirmativamente à Consulta que indica a transformação do EZLN numa organização civil que trabalhe para uma paz com justiça e dignidade. Inicia o Fórum Nacional Especial sobre Cultura e Direitos Indígenas, com mais de quinhentos representantes de pelo menos trinta e cinco povos indígenas que discutem e chegam a um consenso sobre uma série de questões fundamentais. O Fórum Indígena se encerra com a vontade de criar uma nova organização que, em seguida, será conhecida como Congresso Nacional Indígena. Em fevereiro se assinam os Acordos de San Andrés

entre o EZLN e o governo federal sobre Direitos e Cultura Indígena. Neles, o governo federal se compromete a reconhecer os povos indígenas na Constituição da República, a ampliar sua participação e representação política, a garantir o pleno acesso à justiça, a promover as manifestações culturais dos povos indígenas, a assegurar a educação e a capacitação, a garantir as necessidades básicas, a impulsionar a produção e o emprego e, conseqüentemente, coloca-se a necessidade de um novo marco jurídico, tanto a nível nacional quanto estadual, que garanta: os direitos políticos (fortalecendo sua representação), seus direitos jurisdicionais (aceitando seus próprios procedimentos para designar suas autoridades e seus sistemas normativos), seus direitos sociais (para que sejam garantidas suas formas de organização social), seus direitos econômicos (para que se desenvolvam suas alternativas de organização do trabalho e da produção) e seus direitos culturais (para que sejam preservadas suas identidades e sua criatividade). Na legislação nacional, as comunidades indígenas devem ser reconhecidas como entidades de direito público, assim como deve ser reconhecida sua capacidade de organizar-se de forma autônoma. Mas os acordos não são cumpridos pelo governo federal e nas outras mesas não há mais acordos. Depois de novas ações armadas do governo, e condenações de detidos, o EZLN se retira do diálogo.

Em julho de 1996, o EZLN organiza o Primeiro Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, com a participação de cerca de cinco mil pessoas de quarenta e dois países. No ato do dia 12 de outubro, organizado pelo Congresso Nacional Indígena, e logo após uma série de declarações ameaçadoras do governo federal, o EZLN envia a Comandante Ramona à Cidade do México. Depois de uma manifestação de dezenas de milhares de indígenas, pela primeira vez no Zócalo da Cidade do México, um membro da máxima direção do EZLN, mulher e indígena, pronuncia um discurso que termina com a frase que será o lema do novo movimento indígena: "Nunca mais um México sem nós". Nos meses seguintes, aumenta progressivamente a violência contra os povos indígenas.

Em julho de 1997, pela primeira vez na história, uma delegação do EZLN vai à Europa para participar do Segundo Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo e consegue uma importante repercussão a nível internacional. Em setembro, um mil cento e onze membros do EZLN fazem a "marcha motorizada" rumo à Cidade do México para estarem presentes no



Congresso de Fundação da Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN) e para participar da Segunda Assembléia Nacional do Congresso Nacional Indígena. Ao passarem por cidades e comunidades, os representantes zapatistas testemunham o grande apoio popular à sua exigência de cumprimento dos Acordos de San Andrés. Na chegada, são recebidos, no Zócalo, por uma das maiores manifestações da história do país.

Porém os indígenas continuam sofrendo hostilidades crescentes. No dia 22 de dezembro de 1997, em Acteal, no município de Chenalhó, grupos priistas (simpatizantes do Partido da Revolução Institucionalizada, então no poder há mais de setenta anos) massacram pelas costas quarenta e nove indígenas tzoltziles – homens, mulheres, crianças, fetos (quatro mulheres estavam grávidas) e anciãos – que estavam rezando ajoelhados numa igreja pela paz. Na região de Simojovel, Huitiupan e El Bosque, três municípios de Los Altos de Chiapas, nos últimos quatro meses de 1997 foram assassinados dezenove indígenas tzoltziles. Em Polhó há um acampamento de refugiados com seis mil pessoas das bases de apoio do EZLN e um mil e setecentos da sociedade “As Abelhas”, cercado por forças policiais e um destacamento da 31ª Zona Militar.

Em 1998, se intensifica a pressão militar e policial sobre as comunidades zapatistas nos municípios autônomos. Em julho, os zapatistas proclamam a Quinta Declaração da Selva Lacandona, na qual o EZLN convoca a lutar pelo reconhecimento dos direitos dos povos indígenas e pelo fim da guerra de extermínio e anuncia que fará uma Consulta Nacional sobre a iniciativa de lei indígena da COCOPA e para o fim da guerra de extermínio. Em 21 de março, cinco mil delegados zapatistas (dois mil e quinhentos homens e duas mil e quinhentas mulheres) organizam a Consulta Nacional. Em junho o EZLN convoca ao II Encontro Americano pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, que terá lugar em Belém de Pará, Brasil, entre os dias 6 e 11 de Dezembro de 1999.

O zapatismo mantém um prolongado silêncio durante quase todo o ano de 2000. Em dezembro de 2000, Vicente Fox, do Partido de Ação Nacional, oposição de direita, assume como presidente do México. Marcos anuncia a caravana zapatista à Cidade do México para exigir ao Congresso o cumprimento dos Acordos de San Andrés. Em fevereiro e março de 2001, acontece a *Marcha del Color de la Tierra*. Durante todo o percurso os zapatistas são recebidos por multitudinárias manifestações de apoio popular e fazem várias manifestações públicas durante a marcha

e na cidade do México.⁷ No dia 12 de março, o comando do EZLN se apresenta no Zócalo da cidade do México em ato público ante cem mil pessoas. No dia 28, a delegação se apresenta na Câmara dos Deputados com a participação da comandante Esther, primeira intervenção de uma mulher indígena na história dessa instituição.

Depois do regresso da marcha, os zapatistas entram num novo prolongado silêncio perante o não cumprimento das demandas. Em janeiro de 2003, em ato público em San Cristóbal de las Casas, os zapatistas condenam os três principais partidos políticos do país (PRI, PAN, PRD) pela traidora lei indígena finalmente aprovada no Congresso da Nação. Em agosto de 2003, os comandantes do EZLN anunciam a destruição de *Los Aguascalientes* e a criação de *Los Camotes* e as juntas de bom governo, para instaurar a autonomia estabelecida (e não cumprida) nos Acordos de San Andrés. Em 2004, continuam as hostilidades aos povos indígenas. No que o jornalista Hermann Bellinghausen de "La Jornada" avalia como uma guerra integral de desgaste (GID). Esta é definida por um pequeno manual da Rede de Defensores pelos Direitos Humanos, como aquela "que usa elementos militares, políticos, económicos, psicológicos, de propaganda, sociais e culturais, e procura atingir todos os âmbitos da vida"; seu objetivo de longo prazo é "cansar a população civil, base de apoio, para que deixe a luta".⁸ Em fevereiro de 2004, o Comando Geral do Exército Zapatista dá a conhecer, publicamente, pela primeira vez, a lista completa dos zapatistas mortos e desaparecidos, caídos nos combates do ano de 1994. Foram, ao todo, quarenta e seis baixas zapatistas.

2 – Um sentido para uma história

Nesta apertada síntese se podem perceber algumas marcas importantes. O EZLN nasce como um grupo revolucionário, com tendências mais ou menos clássicas nos grupos insurgentes na América Latina. Sua organização é fortemente militar e a definição e a formação desse caráter sinalizam o tom desses primeiros anos. Porém, a relação

⁷ Comunicados, cartas e mensagens do EZLN, junto à iniciativa de Lei Sobre Direitos e Cultura Indígena estão publicados no livro *EZLN. La Mentada del Color de la Tierra*. México: Racoma, 2001.

⁸ BELLINGHAUSEN, Hermann. "Guerra integral de desgaste" na região rebelde de Chiapas. *La Jornada*, México, 21 de Janeiro de 2004. Tradução do Enríque Grenzier.

que o EZLN, desde seu início, tem com as tradições, a cultura e o modo de ver o mundo dos indígenas chiapanecos marca uma profunda transformação e singularidade do grupo. Os mestiços urbanos logo aprendem que têm muito mais para aprender do que para ensinar nesse contato com o mundo indígena.⁹ É nisso, pensamos, que radica o ato supremo e fundante do EZLN: o caráter sincero do encontro com o Outro, a disposição para se transformar e se abrir a algo que só na experiência da diferença sobre um certo solo comum pode acontecer. É isso que os zapatistas chamam de democracia, muito mais do que um sistema de governo ou de ordenamento institucional, uma prática de outra política, que não a dominante, uma forma de relação com o Outro.

Mesmo que, pela sua forma e pretensão, este ensaio não ultrapasse uma mera apresentação, talvez seja interessante explicitar alguns elementos que podem alimentar posteriores trabalhos sobre as contribuições do zapatismo para a política, a partir da história que acabamos de narrar. Desde sua primeira aparição pública, o EZLN deixa claro que sua ação política não se inscreve num marco doutrinário específico (marxismo-leninismo, trotskismo, maoísmo etc.) e que ela não tem por objetivo, como nos grupos insurgentes tradicionais, a tomada do poder. Assim, os zapatistas se diferenciam não apenas dos movimentos insurgentes tradicionais de esquerda, mas também dos partidos políticos tradicionais de esquerda. No fundo, há uma forte e crescente crítica, cada vez mais nítida no zapatismo, ao modo dominante de se fazer política, baseada em: a) a ideia de representação como pilar da organização do Estado; b) as eleições dos representantes do povo através do voto; c) a organização das forças políticas em partidos que visam ocupar o Estado.

O modo afirmativo da política zapatista diz respeito a um modo de vida praticado em suas comunidades e que encontra expressão nas chamadas "Juntas de bom governo" nos municípios autônomos de Chiapas. Talvez seja interessante perceber como esses princípios estão de alguma forma sugeridos nas primeiras manifestações públicas do zapatismo, por exemplo, na Primeira Declaração da Selva Lacandona, dada a conhecer em 2 de janeiro de 1994, o dia posterior ao levante

⁹ Entrevista com Yvon Lebot. In: GENNARI Vêase E., *Chiapas. A revolução zapatista movimenta a história*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002, p. 21 ss.

armado em Chiapas, e datada no ano de 1993. A declaração é uma declaração de guerra ao Exército Federal Mexicano, que tem como máximo chefe o Presidente da República, nessa data Carlos Salinas de Gortari. A declaração tem um tom predominantemente militar, mas há algumas entradas de uma palavra que irá adquirindo uma forma mais nítida sucessivamente. É a epígrafe, "Hoje dizemos ibasta!", que nos importa analisar aqui.

"Hoje dizemos ibasta!". São três palavras. A primeira é uma palavra tempo. Ela indica o presente que deve ler-se em função dos quinhentos anos de lutas, primeiro contra a escravidão, depois na guerra da Independência frente ao império espanhol; depois na resistência frente ao expansionismo dos Estados Unidos, mais tarde para expulsar o império francês do México. A seguir, da ditadura de Porfirio Díaz que negou a aplicação das leis da Reforma, finalmente, a ditadura da democracia formal com um único partido que se aferra ao poder por mais de setenta anos. Desta forma, o "hoje" de janeiro de 1994 deve ler-se à luz das anteriores quinhentos anos e só encontra sentido nessa luta ancestral que os povos indígenas travam no México contra os invasores, os que roubaram suas terras, seus alimentos e suas riquezas. O único bem que não puderam roubar-lhes foi sua dignidade e sua resistência e nelas se afirma o "já basta" de 1994. A política zapatista é então uma política construída sobre quinhentos anos de resistência e dignidade. Isso é parte do que os mestiços urbanos aprendem dos indígenas.

A segunda palavra é uma palavra verbo, uma ação em primeira pessoa do plural: "dizemos". Ela expressa a ação coletiva, uma comunidade, um povo, uma força comum que extrapola amplamente os indivíduos que a conformam. O sujeito desta história de mais de quinhentos anos de lutas é um povo, uma comunidade: os indígenas do México. A política zapatista é então uma política que coloca o coletivo em primeiro lugar,¹⁶ o "nós" que, progressivamente, irá se ampliando a todos os "outros". Os zapatistas são os indígenas organizados, a exclusão organizada, a resistência organizada, a dignidade organizada. Também isso os mestiços urbanos aprendem dos indígenas.

¹⁶ Recientemente, Marcos diz "Se pudesse voltar no tempo, o que não voltaríamos a fazer é permitir e... promover... que se tenha dimensionado demais a figura de Marcos". In: RAMÍREZ, Gloria Muñoz. *EL NE: 20 e 16: o fogo e a palavra*. México, DF: Rebelión - La Jornada, 2003, p. 272.

A terceira e última palavra é um advérbio, de tempo, de quantidade, de modo, que indica oposição, resistência: "¡basta!", com os signos de admiração bem presentes, que em castelhano se colocam no início e no final e que indicam um tom de voz alto, uma exclamação, um grito que interrompe a calma e os silêncios. É também um sinal que indica um limite, um ponto que não pode mais ser ultrapassado, uma barreira que se alça frente a esse tempo ancestral que a justifica e lhe dá sentido: nenhum dia a mais. O "¡basta!" é uma forma de dizer que já não há como continuar com esses quinhentos anos, que há que detê-los, interrompê-los, colocar-lhes uma barreira, uma oposição, uma contenção. O "¡basta!" é uma espécie de "pronto", "acabou", "até aqui chegamos", mas não mais. Também isso os indígenas ensinam aos mestiços urbanos.

De modo que esse "Hoje dizemos ¡basta!" deve ler-se como um grito forte, firme, seguro, de interrupção de uma lógica interrompida durante os últimos quinhentos anos da história mexicana (ou, melhor, americana). Esse grito é uma forma de interromper quinhentos anos de exploração, subsunção e miséria para instaurar um novo rumo, para escrever uma nova história. A data, primeiro de janeiro de 1994, é simbólica, na medida em que o tratado de livre comércio então assinado endurece e consagra a história de quinhentos anos de exploração. É necessário, portanto, um grito que interrompa uma cultura, uma economia e uma política que negam o Outro para dar lugar, por fim, a uma nova economia, a uma nova cultura e a uma nova política.

O que os zapatistas almejam como nova política? Basicamente, uma outra forma de exercício do poder e não apenas uma mera redistribuição do mesmo poder; outra forma de praticar a política, diferente daquela que hoje mata, ignora, elimina, o diferente; um poder que não mate o que não pode engalar. Esse outro exercício da política é algo muito mais radical que uma simples mudança de governo. É a instauração de uma outra forma de vida social em que todas e todos são ouvidos na tomada das decisões, em que ninguém pode legitimamente ser excluído no que importa ser decidido e em que aquele que governa o faz considerando o que pensam todos os que estão envolvidos na sua ação de governo. O exercício da democracia não está no que os zapatistas chamam de "O Poder", "O mau governo", mas no que eles denominam cidadania. O problema da democracia não é a mudança de governo ou a formação de novos partidos políticos, mas a construção de outras relações políticas na sociedade civil.

Desde os seus primeiros momentos, está claro que o zapatismo não é um movimento apenas dos indígenas chiapanecos. Por isso, quando se diz que um zapatista é também um negro no Brooklyn, um palestino na Cisjordânia, um judeu em Auschwitz ou uma mulher no Afeganistão, o que se quer dizer não é que a luta zapatista se faz também nesses nomes, com esses nomes. O que se quer mostrar são exemplos, formas, figuras, gritantes, de exclusão no mundo contemporâneo, vítimas de uma forma de exercer o poder. O zapatismo não quer mudar o nome, a cor, a forma da exclusão. Quer um mundo sem excluídos. O zapatismo não é a luta dos bons contra os maus. É a luta por um mundo onde categorias como "bom" ou "mal" não façam mais sentido.

Os zapatistas têm sido objeto de diversas críticas dentro da "esquerda". Os acusam ora de social-democratas, ora de reformistas, ora de pós-modernos. Porém, eles têm sido fiéis a um princípio que norteia sua prática política. Se é para valer o que eles estão afirmando, se o zapatismo é de fato uma outra forma de entender e praticar a política, não são eles, os iluminados, os que devem decidir os rumos de nada, inclusive do seu movimento. Eles devem ouvir a voz dos outros e, particularmente, a dos excluídos, os que nunca decidiram nada. Eles devem ouvir as outras vozes que a voz dominante, as vozes dos outros, os outros da voz. O que têm feito, sistematicamente, em todos estes anos. Por outro lado, eles não podem repetir uma forma de poder que se alimenta de eliminar o Outro. Não se trata de alçar umas vozes para eliminar outras. Trata-se de constituir um mundo que aceite vozes dissonantes sem que elas queiram cooptar-se ou eliminar-se.

Assim, os zapatistas mostram que não há caminhos pré-figurados, estratégias antecipadas para afirmar outro mundo, outra pólis, outro exercício do poder. Há um princípio que abre o jogo da política ao que ela ainda não é. A começar por casa. O que fazer quando o Outro impede mudar as regras do jogo? O que fazer quando ele não quer deixar de ser esse Outro que mata, exclui, ignora e, além disso, conta com uma vantagem indissimulável no seu poderio militar? Como fazer para que continuem crescendo ou pelo menos não percam sua força outras formas de reunião, de organização, de cultura? Acaso é possível que surja um mundo novo das velhas estruturas da política vigente? Será que esse mundo novo pode vir pelo caminho da reivindicação dos direitos? Acaso é possível no interior desta paródia de democracia encontrar os espaços que permitam a conformação de um mundo novo? Em outras palavras, como o novo pode surgir do velho?

Talvez seja exagerado esperar que o zapatismo responda essas perguntas. Mas, como ele mesmo tem sugerido de si, o zapatismo quiçá não seja outra coisa além de uma ponte, algo que serve para unir dois lados, duas formas distintas. Uma ponte é também algo com o sentido de ser atravessado, para ninguém ficar nele, para unir dois territórios, para servir aos que estão dispostos a sair de sua terra e passar-se para o outro lado, para estreitar as separações, para forçar as comunicações. Uma ponte que merece ser estudada, lida, atravessada, por todos aqueles interessados em passar de um lado para outro, do mundo que temos para outro mundo, ainda por vir, "onde caibam todos os mundos".

FONTES DE PESQUISA SOBRE O ZAPATISMO

1) LIVROS, DISSERTAÇÕES E TESES

ARELLANO, Alejandro Buen Rostro Y. *As raízes do fenômeno Chiapas: O 'já basta' da resistência zapatista*. São Paulo: Alfabeta, 2002.

Estudo de autor mexicano, com prefácio de Plínio de Arruda Sampaio.

EZLN. *La Marcha Del color de la Tierra*. México: Rizoma, 2001.

GENNARI, Emílio. *Chiapas: as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

Excelente introdução ao movimento zapatista, escrita originariamente em português. Muito bem documentado, contém uma detalhada descrição da gênese histórica, política, cultural e econômica do EZLN.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; ARELLANO, Alejandro Buen Rostro y (orgs.). *Chiapas. Construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Tradução do castelhano, a obra contém um conjunto de artigos de intelectuais mexicanos que analisam os acontecimentos, as causas e o impacto da rebelião zapatista.

Também registramos as seguintes Dissertações e Teses defendidas no Brasil:

ALMENDRA, Carlos César. *A Crise do México de 1994/1995 e o Efeito Tequila na América Latina*. 2003. 207 f. Dissertação (Mestrado em Programa de Integração de América Latina). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Estudo sobre a economia do México desde a gestão de Miguel De La Madrid (1982-1988) até a crise econômica de 1994/5, com ênfase ao ano de 1994, o da rebelião zapatista. Analisa a situação interna quanto aos efeitos da crise – Efeito Tequila – em diferentes partes do mundo, sobretudo na Argentina e no Brasil.

FUIGUEREDO, Guillermo Githy de. *A guerra e o espetáculo : origens e transformações da estratégia do EZLN*. 2003. 366 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Contém uma pesquisa de campo desenvolvida no México entre dezembro de 1998 e fevereiro de 1999. Outras duas partes da Dissertação correspondem à narrativa histórica das origens e transformações da estratégia do EZLN (de organização política e militar a formas de organização em que predominem a comunicação e a criação de mecanismos de participação) e do contexto até o começo de 1997, quando os principais aspectos da nova estratégia já estavam dados. As conclusões apontam os paradoxos da experiência zapatista.

GARCÍA, Laura Beatriz Ramírez. *Chiapas e o Zapatismo: da humilhação à dignidade*. 2000. 259 f. (+ ilustrações). Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Essa tese se centra no estudo das instâncias de natureza subjetiva, individual, emocional que compõem os Movimentos Sociais. Segundo ela, “O Movimento Zapatista é um excelente exemplo de como fatores de caráter afetivo dão consistência a uma poderosa força capaz de motivar, manter e desenvolver a existência de uma organização social”. A tese estuda estes fatores na prática e no discurso do EZ.

ORTIZ, Pedro Henrique Falco. *Z@patriotas on-line: uma análise sobre o EZLN e o conflito em Chiapas, sua presença na Internet e a cobertura da imprensa mexicana, argentina e brasileira*. 1997. 303 f. (+ anexos). Dissertação (Mestrado em Programa de Integração de América Latina). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta dissertação analisa o "fenômeno EZLN" dentro do universo cultural, político, histórico, étnico, social e econômico do México – e particularmente de Chiapas –, com ênfase nas estratégias políticas e de comunicação do EZLN, que lhe possibilitaram conquistar espaço nos meios de comunicação convencionais e criar uma eficiente rede de solidariedade e comunicação combinando as tradições seculares das comunidades indígenas, que são suas bases, aos recursos tecnológicos deste fim de século XX, como a Internet e demais redes eletrônicas.

A estes estudos em português vale agregar o mais recente trabalho publicado em castelhano:

RAMÍREZ, Glória Muñoz. *EZLN: 20 e 10: o fogo e a palavra*. México, DF: Rebeldia – La Jornada, 2003.

A autora trabalhou como jornalista em Chiapas entre 1994 e 1996 e desde então mora nas comunidades zapatistas. O Sub Marcos disse do livro que "não conhecemos nenhum material publicado com tantos pormenores e tão completo". Ele tem três partes, uma primeira com depoimentos de zapatistas sobre os dez anos anteriores ao levantamento; uma segunda, com as principais ações públicas do zapatismo desde sua aparição em 1994. Finalmente, inclui uma extensa entrevista com o Sub Marcos, datada em setembro de 1993. Marcos também escreve o prólogo.

2) PÁGINAS NA INTERNET

Algumas das principais páginas que incluem informação sobre os zapatistas são:

¡Va Basta!: <http://www.ezln.org/>

Mesmo não sendo uma página oficial do EZLN, é a página mais completa e antiga do EZLN, criada em 1994. Contém diversos materiais – documentos, comunicados, fotos e listas de discussão –

numa série de línguas como castelhano, inglês, português, francês, italiano e alemão.

FZLN: <http://www.fzln.org.mx>

Como resultado da Consulta Nacional pela Paz e a Democracia realizada em agosto de 1995, o EZLN, em primeiro de janeiro de 1996, dá a conhecer a Quarta Declaração da Selva Lacandona e chama à construção da nova força política apoiada pela Consulta: o Frente Zapatista de Libertação Nacional, um espaço de encontro entre "os zapatistas da sociedade civil com os zapatistas do EZLN para que, pacificamente, lutemos por reconstruir a Nação". O FZLN realizou seu Congresso Fundacional entre 13 e 16 de setembro de 1997 na cidade do México, com a presença de mil cento e onze representantes das comunidades indígenas zapatistas.

EZLN-BR: <http://www.chiapas.hpg.com.br>

Página com cartas, comunicados e discursos do EZLN em português.

Revista Rebeldia: <http://www.revistarebeldia.org/main.html>

Página desta publicação zapatista, com periodicidade mensal, desde novembro de 2002.

Marcha à Cidade do México: <http://ezlnakdf.org/>

Página com comunicados, fotos e outros documentos da marcha zapatista à cidade do México em 2001.

Centro de mídia independente do sudeste mexicano: <http://chiapas.mediosindependientes.org/>

Contém notícias, permanentemente atualizadas, sobre o movimento em Chiapas e outros movimentos de resistência.

La Jornada: <http://www.jornada.unam.mx/>

Jornal da cidade do México em que o EZLN publica seus comunicados e que contém, periodicamente, notas sobre a situação

em Chiapas. Nesta página pode se acessar também a diversos vídeos produzidos pelo Canal 6 de Julho sobre o zapatismo.

Zapatistas in Cyberspace: <http://www.eco.utexas.edu/faculty/Cleaver/zapsincyber.html>

Guia de Análise sobre o zapatismo. Inclui uma guia bastante completa de páginas e sites na internet (ativos e inativos), arquivos, livros, fitas, gráficos e fotos.

Escolas para Chiapas: <http://schoolsforchiapas.org/>

Página em inglês de projetos de construção de escolas autônomas nas comunidades zapatistas.

Enlace civil: <http://www.enlacecivil.org.mx/>

Página que busca servir de ponte entre as comunidades indígenas chiapanecas e a sociedade civil nacional e internacional com o objetivo de aprimorar as condições de vida dos povos indígenas.

Centro de Direitos Humanos Fray Bartolomé de las Casas: <http://www.laneta.apc.org/cdhbcasas/>

Centro de Defesa dos Direitos Humanos em Chiapas. A página contém informações atualizadas sobre violações aos direitos humanos em Chiapas.

Red de información indígena: <http://www.laneta.apc.org/rci/>

Página com informações sobre problemáticas, eventos e expressões culturais dos povos indígenas.